

A origem, o empenhar-se e o destino

Gustavo Perlingeiro Beltrame

Graduando em Filosofia pela UFPR

gpbeltrame@gmail.com

Resumo. O texto almeja apresentar os rudimentos de uma interpretação dos *Pensamentos* de Blaise Pascal. Além da descrição do propósito e dos princípios de método de tal interpretação, encontra-se aqui a tentativa de pô-la em prática pela análise de duas questões. As questões em pauta envolvem os temas do pessimismo (tragicidade) na antropologia pascaliana e da relevância do empenho individual – através da conduta – para a finalidade da salvação, tendo no horizonte a noção de pecado original. Perceberemos, a partir da interpretação ensaiada, a incorreção ou insuficiência de uma leitura que dê ênfase ao pessimismo e ao suposto conformismo dos *Pensamentos*, por não considerar devidamente os três elementos fundamentais à compreensão do homem: sua origem, sua situação e seu destino.

Palavras-chave: apologética cristã; contrariedade; compreensão

101

INTRODUÇÃO

257(684). “Só se pode fazer uma boa fisionomia compatibilizando todas as nossas contrariedades, e não basta seguir uma sequência de qualidades concordantes sem fazer concordar os contrários; para entender o sentido de um autor, *é preciso* fazer concordar todas as passagens contrárias... Todo autor tem um *sentido* em que *todas as passagens contrárias concordam*, ou ele não tem absolutamente sentido nenhum.” (PASCAL, 2005, pg.101)

A finalidade de nossa pesquisa é apresentar uma via para a interpretação dos *Pensamentos* de Blaise Pascal. Devido à exígua extensão deste escrito, o assunto por ele desenvolvido não será exaurido nas

linhas que se seguem. Teremos aqui apenas o início da execução dessa tarefa e, a partir de nosso empenho, esperamos alcançar uma conclusão parcial.

Nosso texto parte de uma *suposição*. Não um dogma aleatório, um preconceito que decorre de limitação de pensamento ou uma conjectura frouxa, mas da indicação *fundamental* dada pelo próprio Pascal quanto à maneira pela qual devemos ler o texto de qualquer autor – consequentemente, também os difíceis fragmentos que constituem o compilado convencionalmente chamado *Pensamentos*. A indicação em questão, contida na epígrafe desta introdução, consiste na *necessidade* de concordar as contrariedades entre os textos a partir de um *sentido* que consiga abrangê-las todas. Não se trata de dar prioridade a um conjunto de passagens que pareçam mais importantes à primeira vista – arbitrariamente ou caprichosamente selecionadas – e reinterpretar todas as outras sob o seu jugo, nem de dar maior atenção àquilo que é quantitativamente superior no compilado, às teses majoritárias. E também não devemos esperar que o sentido do conjunto se mostre a partir do fogo cruzado de “amontoados” de citações de fragmentos. Antes, devemos buscá-lo numa interpretação que permita a *compreensão das contrariedades*, que permita ultrapassá-las e conferir a cada uma das proposições contrárias o seu espaço legítimo. Almejamos, assim, aproximar-nos dos textos sem parcialidade ou unilateralidade, na espera de que, paulatinamente, o sentido venha à tona. Dessa maneira, antes de pôr uma interpretação já consolidada em comparação com outras, nosso texto pretende estabelecer a estrutura de uma nova construção.

E de que modo essa tarefa será realizada?

A finalidade será cumprida, neste breve escrito, mediante a análise de duas questões específicas que podem surgir a partir da leitura dos *Pensamentos*, a saber: I) Podemos afirmar com correção que Pascal sustenta, a partir de sua antropologia, uma posição *pessimista* ou *trágica* acerca do homem ao levar em consideração a sua essência? II) Se a

antropologia e a moral pascalianas se constroem a partir de uma *condição universal* (pecado original) comungada entre os homens, há alguma *relevância* no papel desempenhado pelo *indivíduo* na busca pela salvação?

Evidentemente, alguns termos usados acima exigem esclarecimento, e as próprias questões merecem relocação dentro de um contexto adequado, o que faremos no desenredo do texto que agora é apresentado.

A CERTEZA DA ORIGEM E O EMPENHAR-SE PELO DESTINO: ENSAIO DE UMA INTERPRETAÇÃO DOS PENSAMENTOS

357(541). “Ninguém é tão feliz como um verdadeiro cristão, nem tão razoável, nem tão virtuoso, nem tão amável.”

358(538). “Com quão pouco orgulho um cristão acredita estar unido a Deus! Com quão pouca abjeção ele se iguala aos vermes da terra! Que bela maneira de receber a vida e a morte, os bens e os males!”(PASCAL, 2005, pg.138)

103

Sabemos, pelo registro historiográfico¹, que os *Pensamentos* são fragmentos de uma obra *apologética* que Pascal pretendia redigir a favor da *religião cristã* em sua vertente católica. Segundo os próprios familiares do autor, o tema da apologia do cristianismo tornara-se o estímulo das reflexões que ensejariam o aparecimento dos maços e maços de rascunhos e fragmentos que, posteriormente, seriam editados e reeditados em diversas publicações até os dias atuais. Nesse contexto

1 Cf. LAFUMA, LOUIS. Introdução. In: PASCAL, BLAISE. *Pensamentos* (Tradução: Mario Laranjeira) – São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia), PG. XXV; PÉRIER, ÉTIENNE. Prefácio da edição de Port-Royal, de 1670. In: *Pensamentos* (Tradução: Mario Laranjeira) – São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia), PGS. XXXIV E XXXV; e PÉRIER, GILBERTE. A vida de Pascal. In: *Pensamentos* (Tradução: Sérgio Millet) – 4ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988, PG. 19.

historiográfico, temos, aparentemente, uma boa ocasião para iniciarmos nossa investigação, desde que não nos descuidemos e não façamos com que o *sentido* pelo qual anelamos advenha exclusivamente de uma fonte exterior aos próprios escritos.

Que é uma apologia? Que é a apologética no *contexto religioso*? Em seu sentido primeiro – de raiz grega –, apologia significa *defesa* de algo ou alguém em resposta a um questionamento ou processo judicial (acusação), *justificação*². Em um período possivelmente mais tardio, aglutinou a acepção de *defesa apaixonada, elogio, enaltecimento*³. No contexto específico da *apologética cristã*, devemos esquadrihar as nuances que o adjetivo *cristã* traz ao nosso conhecido substantivo. Sem deixar que esse tema nos leve muito longe, devido à multiplicidade de informações – convergentes – e especificidades que se apresentam a quem busca investigá-lo, proponho aqui como características gerais os seguintes elementos: I) *consiste* na *defesa* do cristianismo perante alguma acusação de inconsistência ou perante algum questionamento geral; II) tal defesa se faz *por meio* do *esclarecimento* de aspectos teológicos ou puramente racionais do cristianismo e da *refutação* de teses não-cristãs, sejam elas de cunho filosófico ou religioso; III) tal defesa *visa* atender a um mandamento divino e aproximar o incrédulo da busca da salvação, persuadi-lo à conversão. Indo na esteira desse propósito, o esclarecimento racional e teológico pode ser acompanhado e reforçado por um discurso laudatório e exortativo⁴.

2 Cf. MACHADO, JOSÉ PEDRO. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* – Lisboa: Livros Horizonte Ltda, 1987, PG. (280) e CANINI, MARCO ANTONIO. *Etimológico dei vocaboli italiani di origine ellenica* – 3.ed. - Torino: 1882, PG. 90.

3 Cf. *Apologia*. Def. 2. p.etx. Dicionário Houaiss da língua portuguesa – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, PG. 257.

4 As características acima elencadas foram encontradas em diversos materiais relativos à *apologética cristã*. No que se refere a passagens bíblicas, duas importantes – entre muitas outras (p.ex. Atos 19:8, Atos 17:2) - devem ser citadas: *Pedro 3:15-16*: “Prestai culto em vossos corações ao Senhor, que é Cristo, prontos sempre a defender-vos contra quantos exigirem justificativas da esperança que há em vós. Isto, porém, com doçura e respeito, de acordo com a boa consciência, para que precisamente aquilo pelo qual sois

Quem lê os fragmentos pascalianos percebe distintamente, corroborando a informação entregue pela historiografia, que todas as características acima descritas podem ser encontradas nos manuscritos: a *apologética cristã* dá o tom do compilado. Poderíamos, para justificar tal afirmação, localizar, classificar e distribuir os fragmentos em consonância com cada um dos elementos da apologética. Contudo, esse procedimento não nos conduziria ao âmago dos *Pensamentos*, além de se mostrar inviável para o escopo e porte deste trabalho. Embora seja um método seguro de nos aproximar da intenção do autor e da forma que a obra teria, por meio da classificação sistemática, ainda assim esse procedimento não nos aproximaria do sentido que unificará todas as passagens contrárias, que permitirá *esclarecer* os manuscritos e responder às questões propostas. Sendo assim, devemos buscar o sentido do conjunto a partir da própria leitura cuidadosa dos fragmentos. Precisamente quando os elementos da apologética antes apresentados convergirem com a nossa interpretação dos escritos de Pascal, a ponto de não se mostrarem como algo estranho aos textos, e quando auxiliarem na compreensão de algumas nuances e do conjunto dos fragmentos, não hesitaremos em empregá-los. Acompanhando o nosso trabalho, forneceremos abundantemente, nas notas de rodapé, as passagens dos *Pensamentos* em que a análise se fundamenta.

difamados venha a ser motivo de confusão para quem desonra a vossa boa conduta em Cristo. De fato, é preferível – se for o beneplácito divino – sofrer fazendo o bem a sofrer fazendo o mal.”

Matheus 28: 18-20: “Jesus então se aproximou e lhes disse: Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide, então, fazei de todos os povos discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardarem tudo o que vos mandei. Eis que vou ficar convosco todos os dias, até o fim dos tempos.” Bíblia Sagrada – L.E.B: Edições Loyola – São Paulo, PGS. 1267 e 1022.

Cf. RAMM, BERNARD. *A Christian Appeal to Reason* - Waco, Tex.: Word, 1972, PG. 15-19, REYMOND, ROBERT L. *The Justification of Knowledge: An Introductory Study in Christian Apologetic Methodology* - Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 1976, PG. 5-7, KREEFT, PETER. *Handbook of Christian Apologetics* - IVP Academic, 1994, PG. 21-23.

II

O conjunto dos *Pensamentos* nos põe diante de uma austera visão do homem e do cristianismo. Sua mensagem é fundamentalmente positiva⁵, exortativa e combativa, muito embora o caráter de grande parte de suas passagens o torne, num certo *nível interpretativo*, cinzento, umbroso⁶. Esse tipo de *contrariedade*⁷ constitui o *cerne* do pensamento de Pascal. Temos de estar sempre atentos a esse ponto se não quisermos renunciar tacitamente à compreensão de seus textos já nas primeiras páginas. A esse respeito, podemos dizer de antemão, à guisa de alerta, que Pascal não rebaixa o homem sem mostrar – na mesma medida – sua grandeza. Não zomba da ordem pública instituída sem – na mesma medida – indicar a sua beleza⁸. Não aponta para a natureza incerta da justiça jurídica sem um referencial superior e sem um contexto específico no qual a crítica se desenvolve⁹. Não apresenta a perspectiva

5 Cf. p. ex: 6(60), 12(187), 140(466), 158(236), 239(511), 394(288), 431(560), 444(557) e 472(574) (positivas quanto ao conhecimento atingível e à esperança do cristão, a partir do resgate de Jesus Cristo), 357(541), 358(538), 416(546), 426(542) e 913 (positivas quanto à felicidade e às qualidades do cristão), 189(547) (positiva quanto à existência de uma moral e doutrina), 216(493) e 460(544) (positiva quanto à satisfação do crente e quanto à possibilidade de distinguir no homem aquilo deve ser abominado e combatido).

6 Cf. p. ex: 26(436), 28(436), 36(164), 47(172), 70(165), 78(126), 655(377) e 978(100) (negativas quanto à condição do homem em geral), 77(152) (negativa quanto à curiosidade humana), 132(170), 136(139) e 414(171) (negativas quanto ao divertimento), 597(455) (negativa quanto ao ego).

7 Cf. p. ex: 93(328) e 130(420) (inversão contínua de pró x contra), 119(423), 121(418), 122(416), 398(525), 430(431) e 450(494) (baixeza x grandeza; amor x ódio), 124(125) (crédulo x incrédulo), 353(529) (rebaixamento x santidade).

8 Cf. p. ex: 51(293) x 106(403); 64(295) x 118(402).

9 Quanto a esse ponto, o fragmento 60(294) pode ser comparado ao 211(453). Enquanto no primeiro a justiça humana é zombada e desprezada, no segundo ela é classificada como admirável. A justiça jurídica é digna de zombaria apenas se comparada a uma justiça plena, unívoca (divina). Pascal se manifesta diversas vezes sobre esse assunto. Sua posição é a de que a justiça existe efetivamente, mas os homens, com a razão corrompida, não conseguem acessá-la – Cf.: 21(381), 33(374) e 60(294) –

pessimista quanto à essência e ao destino humanos sem *suplantá-la* com a indicação do caminho a ser trilhado *individualmente* para a busca da conversão, de Jesus Cristo, da salvação; portanto, sem apresentar a perspectiva do *otimismo*¹⁰.

Por que Pascal situa a contrariedade no cerne de seu pensamento? Porque a contrariedade está no cerne do homem, o qual é assunto das análises do autor. Mas em que sentido o homem é contrariedade? Isso é o que devemos investigar.

Os fragmentos pascalianos em torno do homem têm diferentes perspectivas. Além da contrariedade já destacada, entre baixa e grandeza, os fragmentos distinguem-se quanto ao *modo de tratamento* do assunto. Em alguns casos, vê-se Pascal refletindo a partir da fé que ele pretende disseminar. Em outros, vê-se o autor discorrendo sem nenhuma referência direta à religião, pondo-se lado a lado ao incrédulo e arroteando com ele o terreno – através de um tipo de reflexão que está ao alcance tanto de um como de outro – desde o qual se possibilitará a disseminação da fé, na singela proporção em que essa

quarto parágrafo. No que tange à justiça jurídica em si mesma, Pascal assume uma posição associável, grosso modo, ao que hoje chamamos positivismo jurídico. Isso fica nítido nos fragmentos 66(326), 81(299), 85(878), 86(297), 103(298), 645(312). O autor percebe a tensão entre justiça e força. Aproxima a justiça do passível (e exigível) de discussão, pois incerta, sutil e difícil, ao passo que aproxima a força do evidente e já estabelecido. Não sendo tarefa fácil e rápida estabelecer o justo, e sendo necessário que a força se exerça urgentemente, sob pena de sedição e instabilidade, pôs-se a justiça nas mãos da força. Isso não implica na inexistência de separação entre força política e justiça, haja vista que ainda se reconhecem governantes tiranos e injustos, mas implica na inviabilidade prática da não submissão ao poder estabelecido e, assim, na necessidade de aceitar como justo aquilo que decorre do mando soberano, a fim de que alcancemos, até certo ponto, a paz.

10 O termo "otimismo", na acepção em que o empregamos, indica a "disposição para ver as coisas pelo lado bom e esperar sempre uma solução favorável, mesmo nas situações mais difíceis". *Otimismo*. Def. 1. Dicionário Houaiss da língua portuguesa – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pg. 2091. A palavra vem do termo *ótimo*, cujo correspondente latino é *optimus*, que designa *o melhor, muito bom, excelente*. SARAIVA. F.R. DOS SANTOS. *Novíssimo dicionário latino-português* – 7. ed. – Rio de Janeiro: H. Garnier, PG. 824.

tarefa pode ser realizada pelos homens. Ambos os modos de tratamento não conduzem a conclusões díspares, apenas mostram o mesmo problema por perspectivas e matizes diferentes. Trataremos, nos parágrafos seguintes, da análise da condição humana que não pressupõe os conteúdos da religião.

Inconstante, entediado e ávido por distração, inquieto e à procura de maior inquietação, impotente e sempre em busca despropositada de poder. Fraco e insuficiente. Acossador indefesso da felicidade inatingível – seja através de amores, arte, ciência, filosofia, afazeres, jogos, guerras ou divertimentos; desprezador contumaz do presente e criador de falsos e frágeis propósitos e projetos – autoilusão: eis o estado miserável do homem. As análises pascalianas não se referem a um povo ou grupo de homens específico nem são um diagnóstico de época. Referem-se ao estado *universal* da humanidade, do homem em si mesmo considerado: *um aspecto de sua essência*.

O estado de inquietude e o dirigir-se à distração decorrem da incapacidade de subsistir no pleno repouso, de manter-se no nada e no vazio, que caracterizam o seu ser. Aquilo que preenche o homem é sempre exterior a ele. Em si mesmo, ele é carência: carência de preenchimento, insuficiência, impotência. Por uma propulsão imediata, por um instinto (*instinct*), encontra-se jogado (*jeter*) para fora de si, imerso numa multiplicidade de estímulos passageiros que o distraem da reflexão acerca de seu próprio ser. Ao aproximar-se¹¹ do vazio e do

11 A aproximação do vazio e do nada tende a se dar no afastamento dos afazeres e do convívio social, seja ocasionado por uma impossibilidade física (p. ex: prisão em cela solitária), seja ocasionado pelo descompasso em relação à agitação, ou seja, pela disposição para o repouso. Do mesmo modo que temos em nós o *instinto* que nos *propulsiona* para o exterior, que decorre de nosso sentimento de insuficiência, de nossa baixaza ou miséria, também temos em nós o *instinto* que nos *retropulsiona* para o interior, o qual provém de nossa grandeza – quando “viramos as costas ao mundo” em direção ao repouso. Esse movimento retropulsor é já a ocasião do tédio no homem comum, e tanto mais efêmero e insustentável será quanto mais mundano e libertino for o homem. Cf. *Pensamentos*. Pg. 51 a 53.

nada, seja pela falta de contato social ou pela falta de ocupação (distração), cresce-lhe o tédio (*ennui*): sente-se suspenso, abandonado (*abandon*), sem amparo ou apoio. Pela contrariedade dessa aproximação em relação à propulsão imediata, ao instinto, tédio e tristeza manifestam-se. Assim, se não se basta a si mesmo e se é impelido por seu instinto àquilo que lhe é exterior, é insuficiente¹².

A vontade¹³ (*volonté*) do homem o põe em movimento *centrífugo*. Esse afastamento e fuga do centro – que é vazio – é movimento que não cessa por não alcançar jamais aquilo a que tende – a felicidade¹⁴. Se felicidade é satisfação perene, plenitude de ser, saber-se contente e ter presente o destino venturoso, o homem é o seu oposto, é infeliz. Seu estado mundano na incredulidade é de inconstância, incompletude. Iludido de um dia alcançar aquilo que põe arbitrariamente e temporariamente no horizonte, o homem comum encontra-se sempre – e às vezes progressivamente – em movimento, afastado de seu centro (repouso), repelindo-se a si mesmo e desviando-se de si mesmo: esperando que o ausente seja melhor que aquilo que está à disposição, e que o futuro seja melhor que o presente. O instinto propulsor, dominante, dá a razão de nossa *infelicidade natural* (PASCAL, 2005, pg. 51). Por não estar precavido quanto ao fato de que “as coisas têm diversas qualidades e a alma diversas inclinações” (PASCAL, 2005, pg. 19), o homem – imerso no mundo – acha-se numa situação de volubilidade, refém de uma multiplicidade de estados possíveis, movimentando-se como uma pena ao encontro de poderosos ventos opostos e irregulares, situação que é inteiramente incongruente com a ideia de satisfação e plenitude. Na irreflexão e como joguete da vontade, o homem posiciona aquilo que arbitrariamente e casualmente considera um bem no lugar do único e verdadeiro bem, cria seus

12 Cf. 24(127), 36(164), 136(139), 143(464), 656(372) e 622(131).

13 Cremos que Pascal esteja usando o termo vontade no mesmo sentido em que empregou a palavra instinto (propulsor).

14 Cf. 73(110), 136(139), 148(425) e 362(472).

*ídolos*¹⁵. Ocorre, porém, que aquilo que ganha sua posição arbitrária e casualmente também perde sua posição ao acaso e arbitrariamente, e perdido nessa inconstância sem fim movimenta-se – fugidivo – o homem.

A análise acima elaborada nos apresentou um aspecto cinzento e – pode-se dizer – desesperador do homem. É forçoso reconhecer a tintura pessimista com que Pascal compõe um aspecto de seu projeto. Todavia, não devemos nos apressar. Esse é ainda o que podemos chamar de *primeiro nível interpretativo*. Se nos determos nesse ponto e partirmos para generalizações apressadas, renunciaremos à compreensão daquilo que nos dispomos a estudar e esclarecer – teremos uma visão *parcial* da obra, incompleta e imperfeita. Logo, antes de respondermos a qualquer questão, temos de dar um passo adiante em direção a um *novo nível interpretativo*.

Um *segundo aspecto da essência do homem* é sua grandeza. Quanto a esse ponto, Pascal é mais econômico e direto, e isso não sem um motivo: o homem comum já está imerso em vaidades¹⁶, não encontrá dificuldade para ver-se na sua grandeza, porquanto já tem e quer sempre ter de si uma imagem – ainda que ilusória – de grandiosidade, não sendo esse o aspecto em que Pascal tem de se deter com maior minúcia para conduzir o leitor ao ponto exato em que a apologética ganha força¹⁷. Ainda assim, o autor não se eximiu da tarefa de aquilatar por quais razões essa estima deve acontecer. Dentre todos os aspectos

15 Cf. 166(183), 397(426) e 661(81).

16 Cf. 16(161), 37(158), 77(152), 136(139), 627(150) e 628(153).

17 Se nos dispomos a ver no autor a figura do *apologista*, esta se torna uma maneira interessante de compreender, a partir da postura pascaliana de expor os “prós e contras”, por que nos é apresentado um número significativamente inferior de fragmentos em que se trata da grandeza do homem – a partir da perspectiva que não pressupõe a fé – em relação àqueles que têm por enfoque nossas vaidades, nossos divertimentos, nossa visão fantasiosa dos costumes e das convenções sociais, enfim, de nossa miséria. Se os homens se gabam, Pascal os rebaixa e, assim, gera *confusão*. Cf. 130(420) e 93(328).

de sua grandeza, o mais admirável no homem consiste em sua capacidade de *pensar* (*penser*)¹⁸. Quando o autor se refere a essa qualidade, toma-a num significado mais específico do que se poderia imaginar num primeiro momento. Pascal não está se referindo à capacidade de deduzir proposições matemáticas, de criar e tocar um instrumento musical ou de descobrir a estrutura anatômica do coração humano, mas mais especificamente à capacidade de cada um de *conhecer-se*, de *refletir* sobre a existência na condição de homem¹⁹. Sob essa luz, a análise do primeiro aspecto da essência do homem, de tintura pessimista, realizada nos parágrafos anteriores deste trabalho, não revelaria apenas a sua *miséria*. Desde a primeira linha, ela também revela sua *grandeza*. Na própria constatação e descrição da *miséria* já se mostra uma pujante grandeza²⁰. Apenas o homem sabe que é miserável, que é grande, que veio a ser e que deixará de ser.

Isso é espantoso! Na própria descrição da *miséria* já se tinha a grandeza: a contrariedade sempre esteve diante de nossos olhos. Será que chegamos, então, a alguma conclusão definitiva em nosso primeiro nível interpretativo? Aqueles parágrafos podem ser compreendidos como um resumo grosseiro da visão do autor sobre o homem? Podemos dar por respondida a questão que pergunta pela sua *essência*? Não. Encontramo-nos agora suspensos. Se antes tínhamos uma questão e se ensaiávamos uma resposta, agora parece nos escapar a própria possibilidade de questionar. O homem se nos apresenta – na modesta possibilidade que este texto pôde fazê-lo – como o “monstro incompreensível” (PASCAL, 2005, pg. 44) sobre o qual o autor reflete. Como tornar essa *contradição compreensível*? Para Pascal, não será apelando à *razão filosófica e científica*, de cunho demonstrativo, pois ela é apenas mais uma manifestação do humano, de sua impotência e dependência,

18 Cf. 200(347) e 620(146).

19 Cf. 111(339), 113(348) e 620(146).

20 Cf. 114(397) e 122(416).

volubilidade e flexibilidade: incapaz de se manter na contrariedade e compreendê-la enquanto tal, de superá-la ao passo em que a compreendesse. A razão não está à altura da tarefa²¹. Como poderíamos superar, então, a limitação do racional? Quais são os *primeiros princípios* a partir dos quais podemos compreender o homem? De que maneira pode o homem continuar a pensar *sobre si* e, enfim, deixar esse estado de perplexidade²²?

III

21 Para Pascal, a razão científica e filosófica – da qual o apologista deu, segundo os familiares com a matemática, provas de raríssimo talento – é uma faculdade limitada. A principal justificativa para tal afirmação consiste na sua incapacidade de esclarecer os pressupostos a partir dos quais opera, de esclarecer os primeiros princípios, os quais são apenas intuíveis pelo *coração*, pelo *sentimento*. Exemplos de primeiros princípios são o espaço, o tempo, o movimento, os números, Deus, etc. Mesmo o conhecimento de que não estamos sonhando não é passível de prova pela razão, mas é intuído pelo coração – sentimos que não estamos sonhando. Nesse sentido, a razão depende de algo prévio para entrar em exercício, algo que não é posto ou alcançado pelo homem (ativamente, por demonstração), mas posto no coração dos homens por Deus (passivamente, por intuição/sentimento). Além dessa impotência e dependência em relação ao coração, a razão humana é falível e demasiado flexível. A sua falibilidade e flexibilidade advêm justamente de sua impotência e dependência. Porquanto não é capaz de alcançar por si mesma os primeiros princípios, está sujeita às interferências dos sentidos, das paixões ou do arbítrio, que podem assumir o lugar do *sentimento*, criando falsas aparências e – conseqüentemente – múltiplos e flexíveis raciocínios, de acordo com o gosto e a ilusão dos homens. Quanto à questão da contrariedade, a razão não seria capaz de nos conduzir à origem e ao esclarecimento de nossa essência mista, e de dar a cada uma das proposições e dos aspectos contrários a sua legitimidade relativa, numa visão conglobante e compreensiva. Pascal, em algumas ocasiões, critica aqueles filósofos que, supostamente arrimados na razão, não foram capazes de se manter na mediania exigida pelo coração, na contrariedade, e acabaram optando, arbitrariamente, por um dos polos – baixaza ou grandeza. Cf. p. ex.: 45(83), 110(282), 131(434), 406(395), 423(277) 424(278), 621(412), 820(561) e 983(279) (quanto ao estatuto da razão, do coração, dos sentidos e das paixões), 127(415), 208(435), 398(525) 518(378) (quanto à crítica à parcialidade dos filósofos).

22 Cf. 430(431) e 400(427).

Tentemos alcançar agora o *terceiro e último nível interpretativo* que propomos. Tendo conduzido o leitor à perplexidade, através da análise da essência contraditória e ambivalente do homem, Pascal se encarrega de apresentar o único caminho pelo qual é possível *compreender as contrariedades* (PASCAL, 2005, pg. 61-66). A exortação da busca de Deus e o enaltecimento²³ da religião cristã ganham ensejo de aparecimento a partir do contexto ao qual fomos conduzidos. Diante da impossibilidade da resolução racional do problema chamado homem, e perante a necessidade de resolvê-lo, de explicá-lo, abre-se o espaço para a *fé*.

O cristianismo é, para Pascal, a única²⁴ religião capaz de explicar as contrariedades e de apresentar o caminho correto para suprimi-las. Sem entrarmos com profundidade na seara da teologia e da exegese bíblica, por não ser nosso enfoque aqui, vejamos como isso se dá.

Ao questionarmos e investigarmos a essência do homem, descobrimos sua contrariedade – o homem é grandioso e não é grandioso, é miserável e não é miserável, é grandioso e miserável, é grandioso porque se reconhece miserável. Se, no ímpeto de sair da perplexidade, insistíssemos diante de tais antinomias e nos perguntássemos “por que o homem é grandioso e miserável?!”, “qual é a origem desse estado ambíguo?!”, “qual o caminho para *superar* essa contrariedade?!”, não seríamos capazes de apresentar respostas nos estreitos limites da razão²⁵. E, no entanto, a cogência das análises empreendidas e a importância das perguntas não nos deixam abandonar

23 Cf. o terceiro elemento da *Apologética Cristã* (PG. 3) e o fragmento 12(187).

24 Poder-se-ia questionar, afinal, por que a religião cristã é a única a compreender o homem, dentre um sem-número de religiões existentes. Não pretendemos expor as razões disso neste trabalho, mas calha registrar que não são poucos os fragmentos em que Pascal dá amostra de sua intenção de apurar a incompletude e incoerência de outras religiões, e em que busca esclarecer aquilo que é imputado como obscuro e incoerente no cristianismo. Cf. o segundo elemento da *Apologética Cristã* (PG. 3) e os fragmentos das páginas 87 a 93.

25 Cf. 174(270), 177(384), 188(267) e 183(253).

o anseio de resposta. O que permite a resposta? A religião cristã é aquela que nos socorre, indicando, como solução do problema, nossa *origem* e nossos possíveis *destinos*, ensinando com clareza a *doutrina* segundo a qual os homens devem pautar suas condutas para que alcancem um dos destinos possíveis: a aproximação a Deus e a *superação da contrariedade*.

A *crença* na origem do homem a partir da criação de Adão – imaculado e livre – e da queda que resultou do pecado original põem à mostra – ainda que com obscuridades - o porquê de nossa miséria e grandeza, de nossa ambivalência e contrariedade²⁶. O *empenhar-se* pelo destino em Deus, por meio da conduta daquele que crê, põe à mostra – na mesma medida – a *esperança* na supressão da contrariedade, a direção e a finalidade. Todos os homens compartilham de uma *condição universal* quanto à *origem*, mas há *responsabilidade individual* pela busca do destino, haja vista que a escolha e o empenho no *caminho de Jesus Cristo*²⁷ se dão individualmente. O homem não é apenas aquele que deixou de ser o que era, que decaiu devido ao pecado original, mas também aquele que *deve, individualmente*²⁸, *escolher* e se *esforçar* para seguir o caminho da salvação, que deve ter *esperança* no resgate de Jesus Cristo, que deve

26 Cf. PG 48., 116(398), 117(409), 431(560) e 695(445).

27 929(555): "Não te comparas aos outros, mas a mim. Se não me encontras naqueles com quem te comparas, estás comparando-te ao abominável. Se nele me encontras, compara-te com ele; mas o que estarás comparando? A ti mesmo ou a mim em ti? Se é a ti, é um abominável; se é a mim, comparas-me comigo. Ora, eu sou Deus em tudo..." Cf. Também: 140(466), 158(236), 189(267), 239(510), 394(288), 416(546), 417(548), 460(544) e 939(897).

28 Cada homem deve buscar Deus (Jesus Cristo) por si mesmo e agradá-lo com boas obras. Deus deve ser a *finalidade* de cada indivíduo, e não o seu ego, as outras pessoas, a comunidade, o trabalho, o lazer. Podemos dizer que, ao servirmos a Jesus Cristo, servimos às outras pessoas e à comunidade (caridade), e aproximamos nossa alma da santidade. A felicidade em Deus é a felicidade em nós e fora de nós. Quando cremos com o coração, tudo o que é interior e exterior a nós deve ser considerado a partir do modelo de Jesus Cristo. Cf. 396(471), 407(74), 618(479), 946(785) e 948(668).

alegrar-se e animar-se em *re-ligar* e *re-conciliar*²⁹. Indubitavelmente, fé e salvação não dependem de mera escolha e esforço³⁰. Entretanto, a busca é tudo o que cabe ao indivíduo, é tudo o que está em seu alcance. Apenas Deus pode pôr a fé no coração dos homens, mas isso não significa que o homem não possa e não deva preparar-se para ela, a fim de que esteja apto a recebê-la³¹.

Os *Pensamentos* consistem numa obra inacabada de apologética cristã. Aquilo que motiva o *apologista* é, sobretudo, a persuasão do leitor ou do ouvinte, ou, nos termos bíblicos, *motivar a confusão* do incrédulo, pô-lo em dúvida e em estado de suspensão para posteriormente torná-lo mais esclarecido ou interessado nos assuntos da fé. Sem esse fito, a apologética poderia se transformar numa tarefa estéril, um luxo do discurso racional e teológico, um falatório curioso de filósofos que não produz boas obras. Nesse sentido, a disposição de Pascal é clara. Não há lugar no pensamento do autor para o quietismo³² conformado quanto ao assunto da conversão e da salvação. Desde a perspectiva do indivíduo, não se pode esperar – passiva e conformadamente – a conversão e a salvação pela graça de Deus. Deve haver escolha e *empenho*³³. Na apologética, temos de um lado a figura do *apologista*, um

29 801(666): "O Antigo Testamento continha as figuras da alegria futura e o Novo contém as maneiras de se chegar a ela".

PG. 324 (8): "Não há dúvida de que não existe bem sem o conhecimento de Deus; de que à medida que alguém dele se aproxima fica mais feliz, e de que a extrema felicidade está em conhecê-lo com certeza; de que à medida que alguém dele se afasta fica infeliz e de que a extrema infelicidade seria a certeza do contrário".

30 Cf. 110(282), 160(257), 380(470) e 588(279).

31 Cf. 5(247), 7(248), 11(246), 110(282), 149(430), 158(236), 418(233), PG.162, 419(89), 816(240).

32 No sentido mais genérico do termo: de apatia, indiferença, estado de alma não suscetível de comoção ou interesse.

33 774(497). "Contra aqueles que, baseados na confiança da misericórdia de Deus, permanecem na indolência, sem praticar boas obras...E assim a misericórdia de maneira alguma autoriza o relaxamento, pois é, ao contrário, a qualidade que o combate formalmente. De maneira que, em lugar de dizer: "se não houvesse em Deus misericórdia, seria preciso fazer toda sorte de *esforços* para a virtude", deve-se dizer, ao

possível *convertente*: aquele que percebe a necessidade de *empenhar-se* em defender e transmitir a palavra da fé de maneira rigorosa e entusiástica. De outro lado, temos, geralmente, a figura do *incrédulo*, um possível *convertido*: aquele que pode encontrar no discurso o início do esclarecimento necessário para buscar o caminho da fé.

Creemos que o percurso desenvolvido neste escrito contenha as primeiras diretrizes para guiar o nosso aprofundamento na interpretação dos textos pascalianos. Propusemos aqui, para facilitar a compreensão dos textos, três níveis interpretativos. O *terceiro nível interpretativo* é aquele que resolve um problema posto pelos dois níveis anteriores, ultrapassa-os. É ele que, em conformidade com nosso propósito, aproxima-se mais do *sentido* a partir do qual todas as passagens contrárias dos *Pensamentos* devem concordar. Nesse nível, como vimos, já não há mais lugar para atribuir a Pascal uma visão *pessimista* acerca do homem, pois ele não é apenas miserável, mas também grandioso, e pode, almejando e agindo, esforçar-se por um destino de absoluta grandeza. A situação mundana do homem não é definitiva, e somente poderia ser chamada de trágica se contraposta exclusivamente à sua origem em Adão, a qual era perfeita e não pode ser retomada. Contudo, Pascal faz questão de sempre enfatizar seu possível destino em Jesus Cristo e de apontar para a felicidade de que o cristão goza já em sua breve vida mundana. Se não houvesse tal *confiança*, a própria apologética não faria nenhum sentido. Quanto à relevância do indivíduo na moral pascaliana, é de se reconhecer que os homens comungam da *mesma origem* pecaminosa e do *mesmo caminho* na busca da salvação, que são os mandamentos *universais* de Jesus Cristo. Contudo, *escolher* e *empenhar-se* na busca da comunhão em Deus, na

contrário, que é porque há em Deus misericórdia que é preciso fazer toda sorte de esforços.”

969(514): “Operai vossa salvação com temor...O justo não mais deveria, portanto, esperar em Deus (a obtenção daquilo que pede), pois não deve esperar, mas esforçar-se por obter o que está pedindo...”.

busca do *ótimo*³⁴, são sempre ações que se impõem a cada indivíduo. Mesmo que não haja garantia de salvação para nenhum ser humano, está sob a responsabilidade de cada um eleger seu destino e esforçar-se com vigor na sua direção.

Filip. II, 12: “Empenhai-vos em vossa salvação com temor e tremor”.

Referências

PASCAL, BLAISE. *Pensamentos* (Tradução: Mario Laranjeira) – 2ed – São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia).

_____. *Pensamentos* (Tradução: Sérgio Millet) – 4ed – São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Pensées* – 5ed – Paris: Librairie Hachette et Cie, 1909.

Bíblia Sagrada – L.E.B: Edições Loyola – São Paulo

CANINI, MARCO ANTONIO. *Etimológico dei vocaboli italiani di origine belenica* – 3.ed – Torino: 1882.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KREEFT, PETER. *Handbook of Christian Apologetics* - IVP Academic, 1994.

LAFUMA, LOUIS. Introdução. In: PASCAL, BLAISE. *Pensamentos* (Tradução: Mario Laranjeira) – 2ed – São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia).

MACHADO, JOSÉ PEDRO. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* – Lisboa: Livros Horizonte Ltda, 1987.

34 O homem deve se reconhecer vil, mas também deve querer ser semelhante a Deus (Jesus Cristo). Cf. 351(537).

PÉRRIER, ÉTIENNE. Prefácio à edição de Port-Royal, de 1670. In: *Pensamentos* (Tradução: Mario Laranjeira) – 2ed – São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia).

PÉRRIER, GILBERTE. A vida de Pascal. In: PASCAL, BLAISE. *Pensamentos* (Tradução: Sérgio Millet) – 4ed – São Paulo: Nova Cultural, 1988.

RAMM, BERNARD. *A Christian Appeal to Reason* - Waco, Tex.: Word, 1972.

REYMOND, ROBERT L. *The Justification of Knowledge: An Introductory Study in Christian Apologetic Methodology* - Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 1976.

SARAIVA, F.R. DOS SANTOS. *Novissimo dicionario latino-portuguez* – 7ed – Rio de Janeiro: H. Garnier.